

A experiência da fé como um meio socializador¹

Nas comunidades eclesiais, a opção por Cristo segue um movimento dialético que modifica o indivíduo e a comunidade, faz do crente protagonista, sujeito ativo, produtor de sentidos e valores para sua geração e para as futuras gerações.

João Clemente de Souza Neto
UNIFIEO
e Instituto Catequético Secular
São José, São Paulo

Márcia Mello Costa De Liberal
Faculdades Integradas
Rio Branco e Universidade
Paulista, São Paulo

Yára Schramm
Instituto Catequético Secular
São José e Pastoral
da Arquidiocese de São Paulo

Este artigo traz reflexões e análises fundadas em nossas pesquisas sobre a interferência da religião na construção dos vínculos sociais e da dinâmica de socialização do sujeito. Os clássicos da sociologia constataam essa influência, sobretudo do cristianismo, na construção de um *ethos* do processo civilizatório. Do ponto de vista antropológico, o encontro com Jesus desintegra e

¹ Este artigo resulta de pesquisas sobre biografias de pessoas socialmente empenhadas no testemunho de sua experiência de fé em Jesus, cuja prática produziu vínculos sociais e gerou um tecido social. Em instituições e Igrejas diferentes, os autores pesquisam juntos, há mais de dez anos, essa temática. Sobre os autores:

JOÃO CLEMENTE é pós-doutor em Sociologia Clínica e doutor em Ciências Sociais; professor e pesquisador no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Educacional no Centro Universitário FIEO; pesquisador e professor licenciado na Universidade Presbiteriana Mackenzie e membro do Socius, Centro de Investigação em Sociologia Econômica e das Organizações, do ISEG/UTL; membro do Instituto Catequético Secular São José; vice-presidente da AGES e agente da Pastoral do Menor da Região Episcopal Lapa, São Paulo (j.clemente@uol.com.br).

MÁRCIA DE LIBERAL é pós-doutora em Ciência Política pela Universidade de Buenos Aires e em Ciências Sociais pela PUC-SP; doutora em Sociologia pela Universidade Técnica de Lisboa; professora e pesquisadora nas Faculdades Integradas Rio Branco; consultora na Fundação Ibirapuera de Pesquisa; membro do Socius, Centro de Investigação em Sociologia Econômica e das Organizações, do ISEG/UTL (deliberal@uol.com.br).

YÁRA SCHRAMM é formada em Filosofia pela PUC-SP e em Pastoral Catequética, no ISPAC, Instituto Superior de Pastoral Catequética, Sedes Sapientiae; co-fundadora do Instituto Catequético Secular São José e pesquisadora nas áreas de Filosofia e Religião; trabalha no Secretariado de Pastoral da Arquidiocese de São Paulo (yaraschramm@yahoo.com.br).

reintegra a pessoa e a comunidade, de modo a criar a nova humanidade e a nova comunidade. Em outras palavras, um novo arranjo social se forma, ou um processo civilizatório.

Por uma inferência do pensamento sociológico, podemos constatar que mesmo na contemporaneidade os paradigmas da ciência e da ética sofrem interferência da religião e vice-versa. Os princípios, orientações e rituais religiosos interferem no cotidiano e nas formulações do conhecimento e da ética. Provavelmente, Durkheim e Weber foram os primeiros sociólogos que explicitaram esse fato. Por uma perspectiva crítica, Marx e Gramsci também constataram a influência da religião.

Isso ocorre porque a experiência religiosa desperta nas pessoas uma capacidade de sonhar ou uma forte esperança, que abrem possibilidades de contemplar uma nova realidade. Ou, ainda, de estabelecer uma leitura que mobilize pessoas e comunidades a transformarem o mundo e o cotidiano. Neste contexto, fé e esperança se confundem: “Creio, porque espero. Espero, porque creio.” Um princípio tão forte, que interfere no desenvolvimento social e orgânico das pessoas e da coletividade (cf. BLOCH, 2005). Nossa tendência é constatar que uma das consequências do encontro com Cristo é a decisão de segui-lo em total adesão, confiança e aceitação dos seus ensinamentos.

O encontro com Cristo é uma experiência de forte teor subjetivo, com apoio na exterioridade, por meio de alguém ou de uma comunidade que anuncia a Pessoa de Jesus, testemunha, vive e ensina a palavra de Deus, em espírito de comunhão e santidade. Nossas pesquisas têm evidenciado que a convicção de ser chamadas, desafiadas, incomodadas, de certo modo desestabilizadas pela fé em Cristo, desperta nas pessoas a alegria e o entusiasmo de viver as bem-aventuranças evangélicas. Gostaríamos de assinalar que a dinâmica dessa experiência nasce de uma palavra, um sinal ou uma atitude que afetam a mente e o coração. Ultrapassa as explicações dadas pelas doutrinas, pelo conhecimento e pela ciência.

O encontro com Cristo conduz a opções de vida e a modos de agir que ultrapassam a explicação sociológica e só se podem acolher no âmbito da fé. Ao Deus que se revela, há o crente que corresponde. E isso, ele o faz para além de implicações lógicas, físicas ou matemáticas, ainda que a fé contenha elementos de racionalidade. Não se trata de uma decisão feita na escuridão, e sim por razões fundadas numa experiência com Deus e a comunidade de fé. É um processo de descoberta e conversão, que mantém brechas para conflitos e dúvidas, mas preserva a confiança incondicional em Deus. No contexto desta reflexão, a fé é um evento peculiar, vital, arrebatador e carregado de efeitos que transformam radicalmente o sujeito, como também seu entorno e a sociedade em que vive.

No decorrer da história, o evangelho não se reduz a uma utopia de caráter subjetivo ou intimista. Não tem em vista satisfazer apenas necessidades especulativas (cf. DURKHEIM, 1978:234). Por onde passa, cria condições para defesa da vida e varre o que a ela se opõe. É um anúncio de fé, esperança e amor. Com base na proposta de Jesus (cf. Jo 10,10), podemos afirmar que o anúncio do evangelho é a proclamação da vida plena. Assim como o Mestre, os seguidores de Jesus assumem a defesa da vida como um ideal, uma tarefa ou um ponto norteador (cf. BLOCH, 2005:164).

Nas comunidades eclesiais, a opção por Cristo segue um movimento dialético que modifica o indivíduo e a comunidade, faz do crente protagonista, sujeito ativo, produtor de sentidos e valores para sua geração e para as futuras gerações. Acreditam os discípulos que seguir Jesus não significa ser prisioneiro de uma lei ou de uma

regra morta, mas deixar-se conduzir pelo sopro do Espírito Santo. Pela ação dos que creem, o Espírito penetra na cultura e nas estruturas sociais, contribui para a construção de um processo civilizatório que faz a vida acontecer.

O encontro com Jesus é um encontro com a vida e, por isso, podemos dizer que interfere na construção de um tecido social, ao que denominamos socialização. Seria um equívoco supor que as transformações éticas se restrinjam à ordem individual. “Se a própria individualidade é o conjunto destas relações, conquistar uma personalidade significa adquirir consciência destas relações, modificar a própria personalidade significa modificar o conjunto destas relações.” (GRAMSCI, 1984:40.)

Gerado na força transformadora do Espírito, o encontro com Cristo faz-se acompanhar de “amor, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, autodomínio” (Gl 5,22-23), frutos da ação do mesmo Espírito. Este acontecimento se desdobra, de forma singular, na história de vida de cada pessoa, de modo a se tornar uma “experiência de experiências”. Confere sentido à vida, como proclamam os participantes da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano: “Conhecer a Jesus Cristo pela fé é nossa alegria; segui-lo é uma graça, e transmitir este tesouro aos demais é uma tarefa que o Senhor nos confiou ao nos chamar e nos escolher.” (DAp, 18.)

O seguimento a Cristo, dentro das condições comuns do cotidiano, propõe uma lógica pautada na plenitude da vida prometida. Diante da liquidez de uma sociedade obediente às pressões do mercado, em que tudo é transitório e descartável (cf. BAUMAN, 2007), o discípulo sente-se desafiado a contribuir para instaurar a verdadeira vida. Se o mercado gera medo, violência e insegurança, o encontro com Cristo e o anúncio das promessas sólidas do evangelho trazem confiança, coragem, força, segurança, alegria e paz. Nisto poderíamos compreender hoje a exclamação de Pedro: “Só tu tens palavras de vida eterna” (Jo 5,68). Na experiência cristã, o divino e o humano se desvelam reciprocamente. Um dos sinais dos seguidores de Jesus na cidade é a certeza da ressurreição e a confiança de que a paz é possível.

Na ambiguidade da realidade urbana, as pessoas são motivadas a buscar satisfações imediatas e fugazes. Nesse cenário, perguntamo-nos quem somos, de que forma vivemos, para onde vamos e o que esperamos, e por que esperamos. Muitas vezes essas perguntas emergem quando nos parece perder o chão e nos sentimos tomados por um estado de angústia e temor. O importante é adquirir uma espiritualidade de esperança em Cristo, na certeza de que “tudo posso naquele que me conforta” (Fl 4,13). A atitude de esperar não é passiva, supera o temor. Essa esperança operosa tem movido milhares de discípulos de Jesus a mudar o cotidiano e a nele fazer a diferença.

A categoria central deste artigo é o encontro com Cristo como acontecimento que transforma o indivíduo e a comunidade. Empregamos a metodologia de estudo de caso, a partir de biografias de pessoas socialmente empenhadas no testemunho de sua experiência de fé na pessoa de Jesus. Elas nos permitiram verificar que a transformação do indivíduo sempre produz impacto no seu mundo externo e nos sujeitos com os quais convive. Junto a umas quinze lideranças que organizaram comunidades cristãs católicas ou protestantes, avaliamos as repercussões da experiência do seguimento de Jesus na vida das comunidades. Destas, selecionamos para este texto as biografias de José Joaquim e Lázara Silveira Pacheco. Para ajudar na interpretação de nossas hipóteses, retomamos três exemplos bíblicos do Novo Testa-

mento. O encontro com Jesus mexe com as pessoas e cria oposição aos sistemas que destroem a vida e defendem a morte. Pelos efeitos que produz, é que entendemos o encontro com Cristo como um acontecimento (cf. Jo 15).

1. Relatos de testemunhos bíblicos e biográficos de encontros com Jesus

A revelação da Pessoa de Cristo e de sua palavra chega por meio da pregação do evangelho e do Espírito Santo enviado do céu (1Pd 1,12), como diz São Pedro. A vida em Deus é, portanto, a vida no Espírito que sopra e transita como e onde quer, jamais a serviço de estruturas que negam a existência. Seguir a Cristo no Espírito de Deus é inventar o cotidiano, para além de puras normas e regulamentos. Talvez seja por essa razão que os pobres, rejeitados e excluídos se encontram no coração de Deus e no coração dos seguidores de Jesus. Na vida do discípulo, não há como negar Deus. Mas também não há um Deus que lhe faz suas vontades.

1.1. Relatos bíblicos de encontros com Jesus

No Novo Testamento, destacamos o modo surpreendente pelo qual se realizou o encontro com Deus em Jesus Cristo e o impacto que esse acontecimento gerou na vida da mulher samaritana (Jo 4,1-42), de Zaqueu (Lc 19,1-10) e de Paulo de Tarso (At 9).

a) “Sou eu, que falo contigo” (Jo 4,26)

No Antigo Testamento, a água da fonte era símbolo da Sabedoria e da Lei geradoras de vida, especialmente nos tempos messiânicos. Os poços marcam o itinerário terrestre e espiritual dos patriarcas e do povo do Êxodo. Nas cenas evangélicas do Novo Testamento, a água viva é símbolo do Espírito. Foi junto ao poço de Jacó, que a mulher de Samaria descortinou o contexto e o significado de sua vida, num encontro com Jesus. Deus se lhe tornou alguém, de maneira incisiva, mas com total respeito a sua realidade.

Ao calor do meio-dia, Jesus estava sedento e fatigado pela caminhada. Pediu água à mulher e deu início a um diálogo em que lhe prometeu água viva. Depois de zombar do pedinte, em razão de desentendimentos históricos entre judeus e samaritanos, que surgem no decorrer da conversa, seus olhos se abriram e ela compreendeu a messianidade de Jesus: – “Senhor, vejo que és um profeta. Sei que o Cristo Messias está para vir.” E Jesus lhe respondeu: – “Sou eu, que falo contigo.” Cristo se revelou e apresentou à mulher o sentido profundo da palavra dos profetas na vida do povo.

A mulher iniciou um itinerário novo e muitos samaritanos creram em Jesus, primeiro, por causa da palavra dela. O fato nos mostra que evangelizar fornece elementos que podem reorganizar e fortalecer a vida de um grupo social. Cristo não se pode reduzir a uma doutrina, ao pensar de um determinado grupo, partido ou sistema. Jesus é a vida na totalidade (cf. Jo 10,10). Ele é judeu, é um de nós, “mas Ele é outro” (CERTEAU, in JOSGRILBERG, 2005:39).

b) “Hoje devo ficar em tua casa” (Lc 19,5)

Talvez Jesus não tenha visto Zaqueu correr e subir depressa a uma árvore para vê-lo atravessar a cidade. Mas olhou para o homem rico e baixinho, chefe dos cobradores de impostos, e lhe disse: – “Zaqueu, desce depressa, pois hoje devo ficar em tua casa.” Enquanto a multidão censurava a visita do Mestre à “casa de um pecador público” (Lc 19,7), Zaqueu, surpreso e comovido, prometia a Jesus que iria mudar de vida. No final da visita, Jesus lhe disse: “Hoje, a salvação entrou nesta casa” (Lc 19,9), pois vim “procurar e salvar o que estava perdido” (Lc 19,10).

O inesperado assinalou a presença e o chamado de Deus. Jesus reconheceu Zaqueu como “um filho de Abraão” (Lc 19,9), apesar de sua condição de “pecador público”. Mas Deus se manifesta independentemente da vontade de grupos sociais ou de indivíduos (cf. JOSGRILBERG, 2005:40-41). O encontro de Zaqueu com Jesus produziu um *ethos* pautado na justiça, na partilha e no combate à corrupção entre aqueles que zelam pelo bem público.

c) “Saulo, Saulo, por que me persegues?” (Atos 9,4)

– “Senhor, que queres que eu faça?” (Atos 9,6), bradou Paulo no caminho de Damasco. Os homens que o acompanhavam ficaram atônitos, ao verem no chão, derrubado pelo Espírito, o homem que “somente respirava ameaças e morte contra os discípulos do Senhor” (At 9,1). De um só golpe, Paulo foi “arrebataado até o paraíso e ouviu palavras inefáveis, que não é lícito ao homem repetir” (2Cor 12,4). Penetrou no mistério de Cristo, arrependeu-se de ter perseguido os cristãos, aprendeu a escutar, a viver, a testemunhar, a anunciar a Palavra de Deus.

O efeito desse encontro ainda ecoa na proclamação paulina: “Eu vivo, mas já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim” (Gl 2,20). Paulo assimilou e transformou pelo Espírito a sua fraqueza em força (cf. 2Cor 12,9-10). Com tamanha autenticidade se empenhou no seguimento de Cristo, que assim se expressou: “Sede meus imitadores, como eu mesmo o sou de Cristo” (1Cor 11,1). Aplicou na atividade missionária a vitalidade com que se opunha aos cristãos e os perseguia: “Anunciar o evangelho não é título de glória para mim; é, antes, uma necessidade que se me impõe. Ai de mim, se eu não anunciar o evangelho!” (1Cor 9,15-16.)

Comprometido com Cristo e o evangelho, Paulo pergunta: “Quem nos separará do amor de Cristo?” (Rm 8,35.) Por sua dedicação missionária, pôde afirmar: “Combati o bom combate, terminei minha carreira, guardei a fé. Desde já me está reservada a coroa da justiça, que me dará o Senhor, justo Juiz, naquele Dia; e não só a mim, mas a todos os que tiverem esperado com amor a sua Aparição” (2Tm 4,7-8). Paulo luta para que os clamores e os atrativos da cidade estejam a serviço da vida e da glória de Deus. Quando a política e o mercado caminham na direção contrária, instaura-se a prática da idolatria, que nega Cristo e seu projeto. Os seguidores de Jesus devem reagir a essa situação, pautados nas virtudes teológicas, para que o projeto do Senhor seja continuamente restaurado.

1.2. Dois estudos biográficos e de caso junto a lideranças comprometidas com Jesus

O encontro com Jesus ultrapassa o momento de sua encarnação e presença histórica, como afirma Pedro: “A ele, embora não o tenhais visto, amais; nele, apesar

de o não terdes visto, vos rejubilais com uma alegria inefável e gloriosa, pois que alcançais o fim da vossa fé, a saber, a salvação das vossas almas.” (1Pd 1,8.) No veio dos apóstolos e discípulos, encontramos lideranças que assumiram um projeto de vida orientado por seu encontro com Cristo.

Há mais de dois milênios, Jesus veio ao encontro da humanidade. Mas ainda temos a sensação de que ela tem sede e fome de Deus (Sl 62[63]), como o salmista. O encontro com Jesus fortalece os sinais e as pulsões de vida, atende a uma ética que ultrapassa normas, leis ou medo do castigo, nega e supera os sinais e as pulsões de morte. “Deus é amor” (1Jo 4,8), e o núcleo desse encontro é o mergulho na caridade, segundo a recomendação de Jesus: “Permaneçei no meu amor” (Jo 15,9). A ação dos cristãos tem como motor a prática do amor, norteadada pela decisão de testemunhar a misericórdia de Deus, segundo a prática de Jesus e dos primeiros cristãos.

No seio das comunidades cristãs, a expectativa é de que todos os batizados venham a experimentar a conversão e a nova vida que nascem do encontro com Cristo. Uma vez realizado, este encontro é como luz que revela o que se oculta na obscuridade. Na vida cotidiana, a adesão a Jesus tende a se manifestar nas atitudes e ações de generosidade, solidariedade e esperança, que ganham concretude no encontro com o outro. O acontecimento do encontro com Cristo melhor se explica por meio da fé e do testemunho daqueles que o experimentaram. Ilustramos esta reflexão com os relatos das experiências de José Joaquim⁵ e Lázara Silveira Pacheco⁶, que viveram e mostraram de forma simples e profunda como ser discípulo-missionário na realidade urbana.

a) *“Cristo Mestre, Único e Sumo Bem!”*

A fé, entendia José Joaquim, é a adesão total a Jesus Cristo, fonte da salvação e de todo o bem. Por essa razão, a opção por Jesus deveria vir antes de qualquer outra escolha. A partir do encontro com Cristo Mestre, cada pessoa constrói uma espiritualidade inspirada no Evangelho e orientada pela Igreja Católica Apostólica Romana. Quem conheceu profundamente José Joaquim testemunha seu ideal de viver como apóstolo da palavra de Deus. Ele procurava conhecer as Escrituras e a doutrina da Igreja, dedicava-se intensamente à catequese, à oração, a conscientização cristã sobre os compromissos da fé, à formação de grupos de catequistas e à solidariedade.

Proveniente de Portugal, José Joaquim chegou ao Brasil com os pais que vinham para a lavoura de café, em 1913. Estava com cinco anos de idade. Ainda criança, foi trabalhar nos cafezais de uma fazenda de Campinas. Mais tarde, arrumou emprego de balconista numa farmácia do interior. Alfabetizado numa escola rural, costumava reler com gosto os livros que conseguira obter naquele tempo, um manual de geografia e uma Bíblia protestante.

José Joaquim se lembrava de que, desde os quatro anos de idade, juntava as mãozinhas e rezava com a mãe. Ela também lhe passava algumas noções sobre Deus

⁵ Relatório analítico sobre a vida do prof. José Joaquim, fundador do Instituto Catequético Secular São José. Disponível na Sociedade das Comunidades Catequéticas (varaschramm@yahoo.com.br).

⁶ Relatório em preparação, com o objetivo de reunir dados sobre Lázara Silveira Pacheco, disponível na Secretaria da Sociedade das Comunidades Catequéticas (varaschramm@yahoo.com.br).

e a Santíssima Trindade. Ainda menino, elevava o pensamento a Deus sem nenhuma fórmula de oração e tomava a iniciativa de ir orar na capela da fazenda. Quanto teve conhecimento da Bíblia e da doutrina, cresceu nesse espírito e tomou sua decisão: “O meu lema sempre foi seguir a Cristo Mestre, Único e Sumo Bem. Ele é o absoluto. E todas as coisas são menores. Em Jesus, o homem ganha importância no universo, até o sofrimento ganha sentido. Sem ele, o ser humano e a natureza nada são.”

Em 1926, veio para a capital, onde foi admitido como fundidor nas caldeirarias da São Paulo Railway. Passou a morar com a mãe e dois irmãos num vagão de trem, em Vila Anastácio. Sua mãe trabalhava no controle da passagem de nível da ferrovia. Nas oficinas, juntou-se ao grupo que discutia direitos trabalhistas na hora do almoço. Procurou fazer daquele espaço um ponto de partida para a evangelização. Começou a mostrar aos colegas que os direitos que reivindicavam estavam no projeto de Deus.

Almoçava em dez minutos e se encontrava com alguns colegas num vagão de trem, para meditar textos bíblicos. Houve muitas provocações, mas ele perseverou e fez das relações no trabalho o espaço de sua entrega a Deus e de divulgação da fé: “O número de colegas em minhas reuniões de formação, apesar de pequeno, era bom e frequente. Aí preparei muitas pessoas para a primeira Eucaristia. Outras, embora não se tenham convertido, tornaram-se melhores e, muitos, que insultavam a religião, passaram a respeitá-la.”

Esse seu modo de ser e de viver atingia as pessoas que com ele conviviam. À medida que testemunhava sua fé, fazia repercutir o espírito evangélico nos sindicatos, nos órgãos públicos e nas organizações. Quando orientava os trabalhadores, destacava a idéia de direitos humanos e a importância das políticas sociais. Na sociedade, a prática de solidariedade por parte dos leigos é o caminho para impedir a barbárie e implantar a paz. A partir da experiência de fé, a solidariedade se reveste da gratuidade, do perdão e da reconciliação. A prática cristã é diferente de fundamentalismos que levam a ver o outro como instrumento de convicções religiosas.

O evangelho clama por uma cultura do direito e expurga as práticas de corrupção. Para José Joaquim, essa era uma postura ética: “Um dos meus colegas achava ‘fora de série’, quando alguém pegava um prego da oficina para levar para casa, e eu lhe dizia que não devíamos pegar o que não era nosso. Alguns colegas de trabalho me respeitavam e passaram a se comportar de acordo com minhas orientações.” As práticas de solidariedade podem impedir a barbárie e implantar a paz. Explica José: “Na caldeiraria, eu começava a entender que um leigo cristão na sociedade é mais do que a massa humana. E até se diferencia dela. Porque vê as coisas de forma diferente. Dá ao mundo um cunho evangélico que não pode passar despercebido.”

É o mundo que deve ser transformado a partir da Trindade e não o contrário. Esta visão traz a marca profunda da idéia de justiça e do sonho de concretizar, aqui e agora, a nova Jerusalém. A partir de sua experiência de encontro com Cristo, alimentava a solidariedade que se reveste de gratuidade, perdão e reconciliação, uma prática diferente de fundamentalismos que levam a ver o outro como instrumento de convicções religiosas. Aos poucos, José Joaquim descobria como os relacionamentos podem ajudar a realizar um excelente apostolado. Explica ele: “Eu observava a superficialidade e a ignorância dos batizados sobre Deus e a doutrina da Igreja. Essa situação tornava mais difícil aos católicos a vivência do batismo. Eu via nesses fatos

um apelo de Deus e um clamor do mundo. Sentia que o Evangelho devia ser anunciado e explicado para todos.”

Na capela São José, ele reuniu, organizou e coordenou a primeira comunidade católica de Vila Leopoldina. Também foi alvo de ameaças e perseguições. Após o dia de trabalho, ocupava as noites com aulas de religião para adultos, o catecismo de perseverança para jovens, a Via-Sacra para o povo, e as tardes de sábado e domingo com catequese para crianças. Promovia a formação de catequistas e buscava sacerdotes. Uma vez consolidada, a capela tornou-se paróquia e foi entregue aos cuidados de uma congregação de sacerdotes. Atualmente é a Paróquia de Nossa Senhora de Fátima, em Vila Leopoldina, São Paulo.

Para expandir a catequese e a evangelização, submeteu-se às provas, formou-se professor e fundou uma escola particular que chegou a ser considerada a melhor de Vila Leopoldina. Nela, procurou colocar a educação a serviço da missão: “Ali, eu pude ampliar meus contatos e laços de fé e amizade com as famílias da vila, oferecer formação religiosa, preparar crianças para a Eucaristia e dar catequese de perseverança. Incentivava os alunos e suas famílias à participação na missa dominical, à confissão e comunhão frequente, para terem uma vida cristã integral.”

Além de membro da Ordem Terceira de São Francisco de Assis, José Joaquim organizou e dirigiu durante quase meio século o Instituto Catequético Secular São José, ICSSJ, uma organização comprometida com a evangelização e a catequese, que tem como objetivo dar continuidade ao seu ideal de seguir Cristo Mestre, Único e Sumo Bem. A todos deixou uma mensagem de fé em Cristo:

“Com o olhar em Cristo, tudo será mais fácil. Quem abre espaço para o Cristo, regula por ele os pensamentos e ações. O conselho que deixo aos meus amigos é de se lançarem com toda confiança nos braços de Jesus Cristo, com toda a fé e com toda a certeza de que não de ficar renovados. E de todos o que desejo é que sejam fiéis, como eu fui fiel. Espero e conto que façam isso, sem vacilar.”

Sua vida permitiu a tessitura de um *ethos* cristão, nas práticas dos operários, das famílias, dos empresários, da juventude, dos homens e mulheres, dos catequistas, dos pobres e doentes. Ele testemunhou que a vivência do cristão deve se voltar para os diferentes espaços sociais e não exclusivamente à comunidade eclesial. Optar pelo Reino de Deus significa empenhar-se, com a força de Deus, para transformar fragilidades, vícios, injustiças sociais e negações de direitos em virtudes e projetos de vida, por uma perspectiva de realização, em outros termos, *do fel, fazer o mel*.

Sociologicamente, um acontecimento tende a modificar a forma de ver, de conceber, de sentir e de agir. O cristão é chamado a testemunhar, num espaço turbulento, atropelado pelos fatos, pelas lidas de cada dia e pela dinâmica do mercado. O sujeito criativo, imbuído da esperança, sabe que não há “uma realidade em si mesma, em si e por si, mas apenas em relação histórica com os homens que a modificam” (GRAMSCI, 1984:34). A dinâmica do encontro de José Joaquim com Jesus ajudou-o a ressignificar sua história e a história de seus companheiros.

b) “*Eu creio no poder da divina providência*”

Lázara Silveira Pacheco, a primeira filha de Joveniano e Ignácia Silveira Pacheco, nasceu em 1923, em Mairinque, SP. Aos dezesseis anos, ingressou no Recolhimento

das Irmãs Concepcionistas, em Sorocaba. Durante 28 anos, viveu num cotidiano de clausura, pobreza, simplicidade, penitência, oração e trabalho. Em 1967, com o falecimento do pai, sua volta para a família tornou-se necessária, devido ao estado de saúde da mãe e da irmã, que precisavam de cuidados.

Em 1970, passou a morar em São Paulo e a trabalhar no setor de psiquiatria do Hospital São Paulo, como auxiliar de enfermagem. Determinada a viver seu sonho de servir a Cristo nos mais abandonados, mudou-se, com a irmã Luiza, para o bairro do Campanário, em Diadema. Nessa época, o desemprego era assustador, devido ao predomínio de migrantes desqualificados para a indústria local. A pobreza obrigava muitas mães a largar os filhos pelas ruas, porque tinham que conseguir o que comer. Sem escolas públicas de qualidade, sem oportunidades de lazer, acostumados à rejeição e à violência, seguiam os impulsos da fome, da miséria e da falta de expectativas.

Lázara compreendeu o sofrimento da cidade e viu aí o apelo de Deus: “Diadema paupérrima e abandonada, terra de migrantes, nome que lembra riqueza, mas que nesta região é sinônimo de miséria, ignorância, fome, morte! É o desinteresse total pelo ser humano.” Quando conversou com o menino Josenildo, soube que ele estava na rua porque em casa apanhava do padrasto: “Tem gente que pensa que a gente vive na rua, porque a gente gosta da rua. A gente quer mesmo é viver com a família da gente. Nem minha mãe e nem o homem dela me queriam, ele me batia e não me deixava brincar. Aí comecei a ficar um dia na casa de qualquer pessoa, depois ficava um dia na rua e voltava para casa, até que não voltei mais. Eu me sinto como um cachorro sem dono.”

No seu processo de amadurecimento em Cristo, Lázara entendeu que deveria dedicar-se inteiramente aos mais abandonados. Essa era a melhor forma de concretizar seu amor a Jesus, às pessoas, à comunidade e à cidade. Mulher de fé, simples, alegre, esperançosa e forte, de comunicação fácil e direta, ela e sua irmã Luiza começaram a reunir as crianças e as famílias das redondezas, em festas e comemorações, de aniversários, casamentos e acontecimentos variados. Reuniam-se por volta das dezesseis horas, porque não tinha luz elétrica na rua, e o som era a pilha. Todos participavam e colaboravam. As famílias que tinham quintal maior, cediam o espaço. Quem podia mais dava mais coisas, quem podia menos dava menos, quem não podia não dava nada. Lázara e Luiza faziam o bolo. “Ser feliz é dar com alegria,” dizia Lázara.

As famílias começaram a perceber uma grande mudança nas crianças e procuravam Lázara para lhe agradecer. As mães notaram que diminuía as reclamações dos vizinhos e a polícia em suas portas, que as crianças começavam a ir para a escola. Diziam que “a mulher gorda que morava lá embaixo, perto do rio, ensinava eles”. Determinada a viver pelo evangelho, concretizou sua decisão de acolher em sua casa pobre e de dois cômodos até cinco crianças que poderia sustentar. Os vizinhos puseram-se à disposição para ajudá-la. Lázara estava segura de sua missão:

“Eu creio que cuidar dos menores abandonados e evangelizá-los é uma missão que a divina providência me confia. Eu creio no poder da divina providência. Eu quero voluntariamente cooperar com a divina providência e servir aos menores abandonados, vendo neles a pessoa de Nosso Senhor Jesus Cristo. Quero partilhar tudo que tenho, sem lesar os direitos de ninguém. Terei como finalidade única o bem dos menores, sua formação humana e re-

ligiosa. Somos filhos de Deus e somos todos irmãos. Deixar uma pessoa sofrer sem fazer nada para diminuir seu sofrimento significa que ainda não vivemos o Pai-Nosso.”

Ela mobilizou a comunidade, criou um movimento de comunhão em torno das necessidades do lugar. Adotou uma criança da favela e levou-a para sua casa, com mais algumas crianças. No final dos anos setenta, comissários de Diadema lhe pediram para abrigar outras crianças: - “Nós não temos nem sequer um juiz de menores próprio da cidade. As crianças ficam nas celas dos presos, para não permanecerem jogadas na rua, pois não há nenhum lugar para deixá-las.” Lázara ampliou o espaço e organizou o Lar de Menores São José. Um dos sinais de seu encontro com Cristo era acolher os pequeninos: - “Aquele que receber uma destas crianças é a mim que recebe; e aquele que me recebe, recebe aquele que me enviou.” (Mc 9,37.)

Persistente, fiel e ativa, Lázara foi incansável até o fim, apesar das lutas e acusações que precisou enfrentar. Em 1990, aos 68 anos, falava do seu sofrimento de ver vários garotos e garotas com que trabalhara, no Lar e na catequese, vitimados por policiais e justiceiros: - “Hoje, sei que vários estão na Casa de Detenção ou em Delegacias, ou junto de Deus, porque são tão discriminados e injustiçados que eles têm que ter o Reino de Deus.”

Toda a cidade de Diadema se beneficiou de um trabalho que começou pequenino, numa rua de um lugar esquecido. Lázara teve a sensibilidade de aglutinar as forças vivas da cidade, em vista do bem comum. Suas relações com a sociedade local e com a comunidade eram um exemplo de que o seguidor de Cristo não se deixa arrastar pelo redemoinho do poder, da competição desenfreada, da vaidade e das riquezas. Ela encontrou no servir aos mais necessitados a garantia de que seguia o Caminho, a Verdade e a Vida.

Pessoas como Lázara buscam viver as bem-aventuranças (cf. Mt 5-7) com uma fidelidade radical, para transformar em vida o que assimilaram do evangelho. Ela testemunhou aos pobres o Cristo Senhor, alegria e salvação, e libertação da exclusão e da marginalidade. Seu exemplo é de que os discípulos de Cristo “edificarão os lugares antigamente assolados, restaurarão os de antes destruídos e renovarão as cidades arruinadas, destruídas de geração em geração” (Is 61,4).

O encontro de Lázara com Jesus lhe deu forças e lucidez para liderar a pastoral do menor em Diadema e contribuir, nas décadas de oitenta e noventa, para a construção de uma cultura de direitos que protegesse as crianças da perversidade e da maldade humana, e que ajudasse os adolescentes a construir um projeto de vida dentro dos princípios da ética. Isto significa um projeto comprometido com o desenvolvimento da vida, como orienta Jesus. Além desse compromisso, participou da Ordem Terceira Franciscana e coordenou o Instituto Catequético Secular São José, por três anos.

Por ocasião de sua morte, em 2004, sobre ela falou D. Sérgio Eduardo Castriani, Bispo de Tefé, Amazonas: “Lázara foi uma das pessoas mais impressionantes que conheci. Uma grande mulher, uma grande consagrada, enfim, uma pessoa digna de sua vocação e filiação divina. Que ela interceda por nós lá junto de Deus, quando começar a contar os problemas das suas crianças e exigir providências de Deus.” O jornal *Folha do Dia* (03/02/2004:2), de Diadema, dedicou a Lázara meia página. Na manchete,

podemos ler: “Morreu Dona Lázara, a mãe dos menores carentes de Diadema.” Sua morte foi “o fim de uma das mais importantes mulheres de Diadema, que abandonou tudo para se dedicar às crianças carentes...”

Que todas as ações de Lázara tiveram como foco seu encontro com Jesus, podemos perceber nas palavras escritas em seu Diário, em 31 de dezembro de 1992:

“Quero Cristo vivo em meu coração. Quero Cristo amado em minhas ações. Quero Cristo servido em meu falar. Quero Cristo adorado em todo o meu ser. Quero só a Cristo em todo o meu viver. E só por ele a todos amar e servir.”

São palavras que mostram como o encontro pessoal com Jesus alavanca um projeto de vida, cujos desdobramentos nem sempre podemos antever plenamente. Deus é aquele que sempre nos surpreende e sustenta na caminhada. Talvez seja por essa razão que Lázara escreveu em 1989:

“Já lá se foram dez anos do início do nosso trabalho em Diadema. Que longa caminhada. Se pudéssemos antever tudo por que tínhamos que passar, certamente não teríamos coragem de ter iniciado. Como é bom viver o dia a dia. Tudo surpresas. Alegrias e tristezas.”

Nos seus últimos dias de vida, aos 81 anos, quando sua irmã lhe perguntou se queria voltar para casa, ela respondeu: “Eu quero ir embora com Jesus.” Lázara viveu o divino da forma mais humana possível. Ela sabia amar na simplicidade e servir na fidelidade e na pobreza. Tinha a força da mulher que crê, acolhe, consola, apóia, aponta o caminho da esperança. As pessoas que conviveram com ela dão testemunho de sua vibração pela catequese e pelo atendimento dos pobres.

2. O acontecimento como força desveladora

Os relatos apresentados e as práticas sociais dos cristãos mostram que o encontro com Cristo modifica as pessoas e organizações, multiplica as experiências de justiça e solidariedade, geradas pela fé. Neste campo, podemos demarcar a diferença entre o cristianismo, o socialismo e outros modos operantes de se viver. O encontro com Cristo é um acontecimento, pois sempre produz projetos de vida e um tecido social fundado num construto ético pautado no evangelho.

A noção de acontecimento, explorada por Deleuze, Gramsci, Quéré, Mendonça e Arendt, permite explicitar a interação entre sujeito, história e cotidiano, para além de uma visão mecanicista. Pela lógica do mundo como sistema ordenado, assimilado exclusivamente mediante uma racionalidade, na perspectiva durkheimiana, a ação humana se reduz a uma somatória de fatos e os valores são internalizados dentro de uma ordem estabelecida, por mecanismos coercivos. De maneira distinta, Weber, num veio semelhante, percorre a trilha de causa e efeito.

Os relatos mostram que ação do sujeito requer mais do que uma explicação de sua relação com o contexto social ou da dinâmica de uma subjetividade em confronto com a objetividade. Na rede de “entres” que interferem em seu agir, que nem sempre assimilamos, é que ganha corpo o sentido da existência humana. Daí, não poder-

mos restringir a ação do sujeito a mecanismos de acomodação, interação, conflito e outros. A nosso juízo, essas explicações são insuficientes para explicitar o agir humano, pois o sujeito passa ao largo delas e ultrapassa expectativas.

Do colóquio entre Habermas e Ratzinger sobre a dialética da secularização, na Universidade de Munique, apropriamo-nos da idéia de que a fé não sobrevive sem a razão e de que a razão necessita da fé para compreender certas coisas. Parece evidente que tanto a religião contém certas patologias, quanto a razão traz instrumentos que desumanizam. Nesse sentido, acenamos para “[...] uma correlacionalidade entre razão e fé, entre razão e religião. Ambas são chamadas a se purificarem e curarem mutuamente, e é necessário que reconheçam o fato de que uma precisa da outra” (RATZINGER, in SCHÜLLER, 2005:89).

Os elementos de explicação simbólica construídos em milênios de história precisam ser reinterpretados e re-explicados. Na linha da correlacionalidade e da coexistência, um elemento emergente pode estabelecer rupturas no que já foi dito e normatizado, e despertar novos sentidos. cremos que o elemento impulsionador dessas rupturas é o acontecimento. Este faz emergir a novidade que já estava na história, na expectativa de uma ressignificação. O conceito de história discutido por Benjamin ajuda-nos a conceber de forma metafórica a ideia de acontecimento como uma tempestade que tudo destrói e que impulsiona para a reconstrução.

O acontecimento impõe uma releitura do passado e do presente, com aberturas para o futuro. Poderíamos afirmar que o futuro já está contido no passado e que o presente é portador dos elementos do passado e do futuro. Benjamin deixa perceber a perspectiva de um messias que veio, que vem e que virá, o desejo da terra prometida, do paraíso de onde saímos e para o qual desejamos retornar. Aquele que descreve a história centra a narrativa na figura do vencedor. Este foco torna as biografias um tanto opacas, por excluir as ações dos vencidos ou daquilo que aparece como fracasso.

Se os fatos permanecem nebulosos, o acontecimento tem a força de um impacto. Arrasta elementos despercebidos ou escondidos, remete à consolidação ou à destruição da vida. Às vezes, desvela vozes sufocadas, clamores por justiça, verdade e liberdade, silenciados. Por este olhar, o acontecimento obedece à lógica de uma ruptura inesperada na ordem dos fatos, cria fendas na compreensão do cotidiano e das experiências, rompe a solidez de conceitos, convicções, lembranças e práticas, abre clareira para um novo sentido a ser construído pessoal e coletivamente. O acontecimento carrega sentido, transforma o próprio campo de percepções daqueles a quem afeta, abre horizontes. Justamente aí reside seu poder de revelação: o acontecimento possibilita uma alteração dos quadros de compreensão do *self* e do mundo. Aparece, assim, como uma singularidade problematizante (cf. MENDONÇA, 2007:122.)

Nas relações do cotidiano, acontece de confundirmos acontecimento com fatos rotineiros que costumamos descrever em nossas conversas ou que são divulgados pela mídia. Geralmente, o fato não traz nada de novo, acaba numa espécie de banalização. Na cidade de São Paulo, centenas de crianças e idosos recolhem coisas nas ruas e pedem ajuda. Esse fato não nos interpela, tornou-se algo prosaico, destituído de uma mensagem que possa nos tocar. De tanto ver, ficamos míopes. O acontecimento descongela, ilumina e desvela realidades mais profundas empanadas pelo véu das ideologias, dos processos de coisificação, dos discursos orientados por interesses grupais, de classes, do mercado e do poder.

O acontecimento mexe, desestrutura, desestabiliza e faz emergir o inesperado. É próprio ao acontecimento abrir condições para a escuta das vozes sufocadas na história e nas biografias, para ressignificá-las e fazê-las avançar em direção a um projeto de vida emancipador. “Dotado de certa autonomia, o acontecimento cria as condições para compreensão e contém um caráter revelador ao alterar tanto as possibilidades de leitura do passado [...] como do futuro [...], agindo nas duas direções ao atuar como uma superfície sem espessura que separa e liga os dois.” (MENDONÇA, 2007:120.) Em síntese, o que entendemos por acontecimento é uma quebra da rotina, que irrompe com força sobre a dinâmica da continuidade dos fatos. Ele se abate sobre o sujeito, sobre sua forma de conceber o passado, o presente e o futuro. Tem a força de problematizar concepções, crenças e práticas, repercute sobre a forma de pensar, sentir, agir e ser. Afeta, desloca, desafia, inquieta com a força da boa nova, que reclama novas atitudes e novas ações, orientadas por um novo sentido da vida.

Cada acontecimento produz uma ruptura que coloca a céu aberto a vida do sujeito, atinge não apenas sua pessoa, mas também a vida coletiva e reconfigura a existência. Daí a razão de entendermos que o acontecimento nos oferece um sinal do que buscamos e de como podemos encontrá-lo. Com base nessa concepção de acontecimento, é que entendemos Pentecostes e as ações que acompanharam as experiências das primeiras comunidades cristãs, narradas nos Atos dos Apóstolos e na Patrística. Acreditamos que ela nos permite penetrar no sentido mais profundo do encontro com Jesus como algo a ser contemplado, saboreado e vivenciado. Em decorrência é que se produzem as explicações, pois, neste caso, a fé, a esperança e o amor precedem à doutrina.

Na experiência cristã, o acontecimento traz à tona os dramas, conflitos, as crises e contradições que escapam ao sistema racional da história e da ciência. Entretanto, a fé e a esperança articuladas com a razão conferem um sentido à situação. A esperança cristã é de que um dia se chegue a construir, junto com as demais culturas, a nova Jerusalém. A fé desencadeia um sentido que estava escondido na história, e que são as formas de negação e de superação do fanatismo e das práticas e experiências de injustiça. No contexto da fé, a esperança não se desliga da ambiguidade, da dramaticidade, pois estas geram uma inquietude, uma ansiedade pelo encontro de saídas.

A trajetória do cristianismo não postula uma linearidade na história. O Espírito Santo sopra onde e quando quer. Não existem burocratas ou armas sofisticadas ou conhecimentos de física fortes o suficiente para aprisionar o Espírito. A tendência do cristianismo é de irromper nas culturas sedimentadas e nelas germinar um sentido novo. Não como destruição de uma cultura, mas como o desencadear de um processo de aculturação, de um ressignificar da cultura. “Deus não faz acepção de pessoas” (Rm 2,11), mas aceita todo aquele que faz o bem e pratica a justiça. A garantia da vida vem de Deus, mesmo que uma determinada cultura não tenha disso consciência. Se existem sinais de vida, é porque Deus ali se encontra presente.

A revelação cristã scandalizou os gregos com a narrativa dos eventos sagrados da criação, queda, aliança, manifestações proféticas e, de modo mais radical, com a encarnação, a cruz, o túmulo vazio, o surgir da Igreja em Pentecostes... À luz desses eventos excepcionais, atraía-se a atenção do homem para aspectos de sua experiência que ele sabia ver: seu tempo propriamente humano, por sua vez, estruturava-se em torno de eventos e decisões e se balizava por grandes opções: revoltar-se ou converter-se, perder a própria vida ou ganhá-la (cf. RICOEUR 1968:85). A revelação

cristã escandalizou culturas e povos, mas ajudou-os a conquistar um processo civilizatório.

É precisamente quando a esperança não é mais o sentido oculto de um contrasenso aparente, quando ela se libertou de toda ambiguidade, que ela recai num progresso racional, tranquilizador, que ela visa à abstração morta. Eis por que é necessário permanecer-se atento a esse plano existencial da ambiguidade histórica, entre o plano racional do progresso e o plano suprarracional da esperança. (RICOEUR, 1968:98). No mundo contemporâneo, nenhum pensador nega a influência da religião na construção de laços sociais.

O crente israelita, de fato, reza todos os dias com as palavras do Livro do Deuteronômio, nas quais sabe que está contido o centro da sua existência: “Escuta, ó Israel! O Senhor, nosso Deus, é o único Senhor! Amarás ao Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças” (6,4-5). Jesus uniu – fazendo deles um único preceito – o mandamento do amor a Deus com o do amor ao próximo, contido no Livro do Levítico: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (19, 18; cf. Mc 12,29-31). Dado que Deus foi o primeiro a amar-nos (cf. 1Jo 4,10), agora o amor já não é apenas um “mandamento”, mas é a resposta ao dom do amor com que Deus vem ao nosso encontro.

A vida cristã brota do encontro com Jesus e da abertura a sua Palavra. Podemos afirmar que o encontro com Jesus, com a ajuda do Espírito Santo, é sempre uma novidade, um acontecimento do qual nasce a comunidade que protege e dinamiza a vida. Dela transbordam os anseios de uma vida em plenitude e da vida na Trindade. O discípulo busca incessantemente viver como cidadão da nova Jerusalém no hoje da cidade. Esta experiência demonstra a simbiose entre o discípulo e o Mestre, entre a comunidade de fé e a Trindade.

No início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, assim, o rumo decisivo. Em seu Evangelho, João expressou este acontecimento com as seguintes palavras: “Deus amou de tal modo o mundo que lhe deu o seu Filho único para que todo o que nele crer tenha a vida eterna” (Jo 3,16).

Com a centralidade do amor, a fé cristã acolheu o núcleo da fé de Israel e, ao mesmo tempo, deu a este núcleo uma nova profundidade e amplitude. O encontro com Jesus como acontecimento tem como sinal a marca do amor e da esperança. É, por isso, sempre surpreendente, renovador. Tem sempre algo novo a dizer. Os relatos que apresentamos trazem esse tom, pois é impossível não falar das coisas que sentimos e ouvimos (cf. Atos 4,20).

Referências bibliográficas

- ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. *10.º Plano de Pastoral 2009-2012*. São Paulo: 2008.
- BAUMAN, Zygmunt. *Vida líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BERGER, Peter Ludwig. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulus, 2003.
- BLOCH, Ernst. *O princípio esperança*. Vol 1. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.
- CERTEAU, Michel. *Invenção do cotidiano*. 1 e 2. Petrópolis: Vozes, 1996.

- DAP. Documento da V Conferência do Celam em Aparecida. São Paulo: Paulus, 2007.
- DELEUZE, Gilles. *A lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- DURKHEIM, Émile. Da divisão do trabalho social. In: *Coleção Os Pensadores*. São Paulo: Abril, 1978.
- GRAMSCI, A. *Concepção dialética da história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.
- HABERMAS, Jürgen. Fundamentos pré-políticos do Estado de direito democrático? In SCHÜLLER, Florian (org.). *Dialética da secularização*. Aparecida (SP): Ideias e Letras, 2005.
- JOSGRILBERG, Fábio B. *Cotidiano e invenção, os espaços de Michel de Certeau*. São Paulo: Escrituras, 2005.
- MENDONÇA, R. Fabrino. Movimentos sociais como acontecimentos: linguagem e espaço público. In *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, nº. 72, São Paulo: Cedec, 2007.
- RATZINGER, Joseph. O que mantém o mundo unido. Fundamentos morais pré-políticos de um Estado liberal. In SCHÜLLER, Florian (org.). *Dialética da secularização*. Aparecida (SP): Ideias e Letras, 2005.
- RICOEUR, Paul. *História e verdade*. Rio de Janeiro: Forense, 1968.
- SCHRAMM, Yára; SOUZA NETO, João Clemente. *Cristo Mestre, Único e Sumo Bem*. São Paulo: Expressão & Arte, 2005.
- SOUZA NETO, J. C. *Crianças e adolescentes abandonados, estratégias de sobrevivência*. São Paulo: Expressão & Arte, 2003.
- WEBER, Max. *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

